

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

# INDÍGENAS GAMELA NO CERRADO PIAUIENSE



**BOLETIM**  
INFORMATIVO

**1**



**Edição:** Janeiro de 2020

**COORDENAÇÃO GERAL**

Patrícia Maria Portela Nunes  
Cynthia Carvalho Martins  
Emmanuel de Almeida Farias Júnior  
Alfredo Wagner Berno de Almeida

**Apoio/financiamento:** Climate and Land Use Alliance - CLUA

**EQUIPE DE PESQUISA / ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO**

Carmen Lúcia Silva Lima  
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

**PESQUISADORA COLABORADORA**

Caroline Farias Leal Mendonça

**PESQUISADORES VOLUNTÁRIOS**

Altamiran Ribeiro Lopes | Antônio James Rodrigues dos Santos | Francisco José Sousa Rocha | Maria das Mercês Alves de Sousa

**BOLSISTA FAPEAD/CLUA**

Milena dos Reis Rabelo

**BOLSISTA PIBIC/UFPI**

Cristhyan Kaline Soares da Silva

**PNCSA/UFAM**

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

**Coordenação Geral**

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)  
Profª. Drª. Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)  
Profª. Drª. Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

**CARTOGRAFIA**

Tomas Palliolo Pacheco de Oliveira

**REGISTRO VISUAL**

Carmen Lúcia Silva Lima | Cristhyan Kaline Soares da Silva | Milena dos Reis Rabelo | Maria das Mercês Alves de Sousa | Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

**EQUIPE DE PRODUÇÃO DAS LEGENDAS**

Adão | Aliciane Sousa Turino | Beatriz Lima Nascimento | Iraiane Sousa dos Santos | Jesley | Maria das Mercês Alves Carvalho | Maria das Mercês Alves de Sousa | Maribel Sousa Miranda | Ramiry Marques Santos

**EQUIPE DE COLETA DOS PONTOS DE GPS**

Aline Gomes Mendes | Dorian Nunes da Silva | Ermínio Ribeiro de Sousa Junior | Flaubety Costa Sousa | Francisco Bernardo Neto | Gilvan Alves do Santos | Irani Fernandes Sousa | Jaira Lima Honorário | Marcos de Sousa Silva Coelho Neto | Maria das Mercês Alves de Sousa | Zéoneide dos Santos Galvão

**PROJETO GRÁFICO**

Marcela Costa de Souza

**CAPA**

Murana Arenillas

PARTICIPANTES DA OFICINA DE PRODUÇÃO DO MAPA E BOLETIM Barra do Correntim – Bom Jesus (PI), 16 a 18 de maio de 2019.	
<b>BOM JESUS:</b>	<b>BAIXA GRANDE DO RIBEIRO:</b>
<b>ASSENTAMENTO RIO PRETO</b> Claudian Pereira Silva Genivan Alves Rodrigues Gilvan Alves dos Santos Ivanilde Alves Rodrigues José Luis Oliveira Fonseca Maria Zuleide Alves da Silva Marileide Alves da Silva	<b>MORRO D'ÁGUA</b> Adaildo José Alves da Silva Aline Gomes Mendes Antônio Martins Pereira Mendes Cristiane de Jesus Gomes Gamela Dorian Nunes da Silva João da Cruz Pereira Mendes
<b>BARRA DO CORRENTIM</b> Adalberto Pereira da Rocha Aldeci Alves de Sousa Aldemar Alves Pereira Aldemir Alves de Oliveira Ângela Maria Pereira de Sousa Antônio James Rodrigues dos Santos Cláudia Marques de Sousa Claudiana Marques de Sousa Creuza Fonseca dos Santos Domiciano Amâncio de Sousa Elizânia Alves de Sousa Eva Marques de Sousa Geani Marques de Sousa Gentileza Alves de Sousa Gildete Santos de Oliveira Grinaura Rodrigues dos Santos Jociane Alves Nunes José Eroastro Fonseca dos Santos Juleli dos Santos Galvão Juliana Marques de Sousa Laiane Vogado de Oliveira Luis Alves de Sousa Luzia dos Santos Galvão Maria Cilene dos Santos Galvão Mária de Jesus C. Fonseca Maria do Amparo de Jesus Pereira Patrícia Lima dos Santos Rosa da Anunciação Bezerra Rosalina Oliveira da Silva Salvador de Jesus Galvão Sâmia Cristina Cardoso Maciel Zioneide dos Santos Galvão (Grosso)	<b>PRATA</b> Alaide Delfino dos Santos Irani Fernandes de Sousa Salvador Rodrigues Pereira Valdemiro Alves Rodrigues
<b>SALTO I E II</b> Cátiane Sabino Pereira Eva Paula da Silva Henrique Nerson Paulo da Silva Ivanete Fonseca Vieira João Paulo da Silva Paulinan Vicente da Silva Reginalda Santos da Silva Sueli Nunes Pereira	<b>CURRAIS</b> <b>PASSAGEM DO CORRENTIM</b> (Correntim Arroeira) Avilina Alves de Macêdo Joaquim Alves da Silva
<b>ESTADO DO MARANHÃO</b> <b>AKROÁ GAMELLA</b> Aldeli Ribeiro Akroá Gamela Elivânia de Cássia Silva Moraes Genilson de Sousa Tourino José Oscar Mendonça Kum'tum Akroá Gamella (Inaldo) Maria das Dores dos Santos Akroá Maria de Fátima Pereira Akroá Gamela	<b>PIRAJÁ</b> João Barbosa Veleda Neto João Eurico Guarino de Sousa José de Araújo Ferreira de Sousa José de Araújo Silva Bezerra José Farias de Sousa Filho José Ferreira de Sousa
	<b>GILBUES</b> <b>MELANCIAS</b> Clemilton Alves da Silva
	<b>SANTA FILOMENA:</b> <b>BREJO SECO</b> José Faltstino Alves Neves
	<b>VÃO DO VICO</b> Antônio Nunes Pereira Deuzite Nunes Pereira Ermínio Ribeiro de Sousa Junio Jaira Lima Honorário José Orlando Nunes Pereira Maria Zumira Lima de Sousa
	<b>URUCUI</b> <b>POVOADO SANGUE</b> Delseni Pereira dos Santos Raimundo Alves dos Santos
	<b>APOINME – TABAJARA TAPUIO</b> Henrique Manuel do Nascimento
	<b>CIMI-MA</b> Gilderlan Rodrigues da Silva
	<b>COMISSÃO PASTORAL DA TERRA CPT</b> Maria das Mercês Alves de Sousa
	<b>DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO - DPU</b> Benoni Ferreira Moreira
	<b>OBSERVATÓRIO QUILOMBOS PIAUÍ</b> Aureo João de Sousa Ricardo Augusto

**FICHA CATALOGRÁFICA**

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais da Amazônia e do Cerrado / Indígenas Gamela no Cerrado piauiense. – N. 1 (jan.2020). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular.

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Carmen Lúcia Silva Lima e Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

ISSN: 2675-2263

1. Conflitos. 2. Terras tradicionalmente ocupadas. 3. Terras Indígenas. 4. Gamela. 5. Cerrado. I. Título.

CDU: 528.9.912



Realização de ritual pedindo a força dos Encantados, durante a Oficina de Produção do Mapa e Boletim

## **A EMERGÊNCIA ÉTNICA DOS GAMELA NO CERRADO PIAUIENSE**

*“Índio não acaba não” (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

A região do Cerrado Piauiense nas últimas décadas vem passando por intensas transformações decorrentes das atividades do agronegócio. A criação do Plano de Desenvolvimento Agropecuário (PDA) do MATOPIBA, em 06/05/2015, intensificou ainda mais o processo de mudanças econômicas e sociais. Os grandes empreendimentos que se instalaram vêm produzindo impactos na vida dos povos e comunidades tradicionais, que se sentem ameaçados pela expropriação territorial e danos ambientais. Esta situação resultou na eclosão de conflitos socioambientais e na constituição de ações de mobilização social que vêm resultando na emergência étnica de núcleos familiares que habitam tradicionalmente a região e que se autodesignam de povos do Cerrado. Neste boletim abordaremos a situação dos Gamela, que é uma das coletividades que empreende o referido processo de construção da etnicidade.

A cartografia social de natureza etnográfica realizada na região do Cerrado evidenciou a emergência étnica dos Gamela na comunidade Barra do Correntim, em Bom Jesus; Morro D'Água, em Baixa Grande do Ribeiro; Pirajá, Laranjeira e Prata, em Currais e Vão do Vico, em Santa Filomena. Além de integrantes das referidas comunidades, participaram da Oficina de Produção do Mapa e Boletim realizada nos dias 16 a 18 de maio de 2019, na comunidade Barra do Correntim e Tamboril, zona rural de Bom Jesus, pessoas do Assentamento Rio Preto, Passagem do Correntim e Salto I e II, localizadas em Bom Jesus; Brejo Seco, em Santa Filomena; Povoado Sangue, em Uruçuí e indígenas Akroá Gamela do Território Taguaritua, Aldeia Cajueiro-Piraí, Aldeia Taguaritua, Aldeia Nova Vila e Aldeia Centro do Antero, situados nos municípios de Viana e Matinha, no Maranhão. Estas inclusões foram efetivadas a partir da rede de relações, parentesco e parcerias estabelecidas pelos Gamela contemplados no projeto de Pesquisa ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO, MINERAÇÃO E DESIGUALDADES: CARTOGRAFIA SOCIAL DOS CONFLITOS QUE ATINGEM POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA AMAZÔNIA E NO CERRADO, realizado pelos pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA).

Em relação ao processo de emergência étnica dos Gamela no sul do Piauí, é possível afirmar que o compartilhamento da memória social, os laços de parentesco e a mobilização política em defesa do Cerrado são elementos que estruturam a organização social e política que está sendo construída pelos habitantes das comunidades citadas.

Na memória social da referida coletividade é recorrente a narrativa da descendência dos indígenas que habitavam a região antes mesmo da chegada dos colonizadores. Desde então vivenciaram episódios de violência e expropriação territorial ocasionados pela chegada dos bandeirantes, dos fazendeiros e a criação de gado. Uma vez que toda a região era habitada pelos indígenas, afirmam que as cidades atuais foram construídas no território ancestral, resultando na expulsão de muitos antepassados para o Estado do Maranhão, Pará e outras regiões do Brasil. Os que continuaram habitando o Cerrado, passaram a viver em parcelas de terras nos baixões, algumas das quais equivalem, atualmente, as referidas comunidades. A relação de pesquisa estabelecida com os Gamela revelou a existência de uma forte relação de parentesco entre os núcleos familiares. Com recorrência este pertencimento se manifesta através da designação *caboclo*, que é uma categoria identitária utilizada por eles e pelos não indígenas da região do Cerrado quando se referem aos membros da família Nunes e Pereira, por exemplo. Desta forma, quando alguém afirma pertencer ou quando diz que o outro pertence à família dos Caboclos, significa que está fazendo referência aos núcleos familiares que descendem dos indígenas que sobreviveram até os dias atuais.



Oficina de Produção do Mapa e Boletim

*Isso aqui tudo era dos índios. O meu avô chamava José Caboclo. Meu avô foi enterrado lá na gruta. Sou filho da Maria mais o Chico do Joca (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

*Isso tudo por aqui era cheinho de índio. Era cheinho de índio da família Caboclo. Nós já somos da pontinha da rama por que a bisavó de meu avô foi pega a troco de cavalo e casco. Então nós somos da pontinha da rama, mas nós somos caboclo. Aqui tem caboclo dentro desse baixão aqui (Zé Ferreirinha, Pirajá, Currais).*



Ritual dos indígenas Akroá-Gamella

*O seu James é primo do meu pai. Aqui a família é muito próxima do meu pai e da minha mãe. Porque essa família Pereira é muito grande. Tinha irmão do meu avô aqui espalhado por todo lugar, morando aqui para esses lados, como na Prata mesmo, o Salvador é meu primo. O pai dele é primo carnal do meu pai. A mãe dele também é parente, porque é assim, nós somos umas pessoas que somos casados tudo na família. É muito difícil um da família casar com gente estranha, só gente da família, primo com primo. É por isso que a parentesa aqui, mesmo bem aqui tem uma tia minha, que a mãe dela é irmã da minha avó. Como que nós não pode ser uma família só? Mas nós somos uma família só, nós temos família aqui na Barra do Correntim, Prata, em Currais, no Pirajá. Que Seu Luís disse que é primo da minha mãe. Tem a família Nunes, aqui em baixo no Uruçuí, lá no Morro D'água, que é uma família muito grande e esse pessoal está espalhado no Maranhão. Foi embora um tanto, só ficou meu avô no Vão do Vico, por que nós somos índios tanto pela parte da minha mãe, como pela parte do meu pai. O meu avô, ele não ligava para filho, era tendo aí. Num ligava para roupa, não ligava para calçado. O caso dele era caçar, era os matos. Tendo a carne em casa de caça, a mandioca, a banana e o arroz estava bom para ele. Ele não ligava para roupa e calçado, essas coisas assim (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).*

*Eu conto porque a bisavó de meu avô, Antônio caboclo; a avó do meu avô foi pega no mato de cachorro. Amansaram ela. Mordeu muita gente, então amansaram ela. Daí se vem nossa família toda, através daquela avó. O nosso sangue é o mesmo dos caboclo (Clarisse, Pirajá, Currais).*

Eles reconhecem que o Cerrado era habitado por diversos povos, contudo, o laço de parentesco foi o elemento que determinou que a família Caboclo passasse a utilizar o etnônimo Gamela na atualidade. O fato de James, morador da Barra do Correntim, ser primo de Inaldo Akroá-Gamela, liderança indígena que habita o Estado do Maranhão, juntamente com as narrativas de fugas em momentos de perseguição, é evidenciado como a comprovação de que são um mesmo povo.



James, Gamela da Barra do Correntim

*Sempre nós sabíamos que nós tínhamos sangue de índio, só que nós não somos reconhecidos. Então, eu topei com o Inaldo em Goiânia, conversa vai, conversa vem e descobrimos que nós éramos parentes. O pessoal dele era daqui da região de São Raimundo pra cá. Meu avô chamava José Caboclo, só que eu não sei de onde meu avô veio, sei que era caboclo. Ele morreu e foi ficando nós sempre no sentido de nós ser caboclo. Ele foi e disse para mim: - Olhe James, ainda vou fazer tudo para nós ter a certeza que vocês são caboclo. Para ter a certeza, tenho que ir lá no Piauí conhecer a minha cidadezinha que é Currais, que era onde tinha muito caboclo. O pai do Inaldo foi embora daqui para o Maranhão. Nós*

*tivemos conhecimento assim. Ele disse que quer vir aqui para o Piauí me conhecer mais a minha moradia e nós andarmos no interior. Vamos para um lugar chamado Pirajá, Laranjeira, Aroeira, Morro D'água para poder nós ir para Santa Filomena (Vão do Vico). Eu vou mais ele, para ele conhecer a região e saber que aqui eles têm os parentes deles (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

Este pertencimento entre os Gamela do Piauí e os Akroá Gamela do Maranhão se evidenciou fortemente durante a Oficina de Produção do Mapa e Boletim mencionada. Este momento representou para eles o reencontro com as “raízes velhas” depois de cerca de 300 anos de separação.

*Todo dia nós pensávamos no nosso coração que a gente tinha de vir aqui. Que a gente tinha que vir aqui porque essas raízes velhas nossas estão aqui. E a gente vem pra beber nessa raiz, uma energia que em tempos tão difíceis, nunca foram fáceis pra gente, a gente continua tendo a coragem de dizer que nós somos aquilo que eles quiseram apagar. Eles não apagaram! Nós nos reencontramos depois de 300 anos, depois desta dispersão, dessa perseguição por causa do gado e da fazenda que foi chegando e expulsando, mas a gente sempre esteve ligado. Eu sentia essa energia que está lá e que está aqui também.*

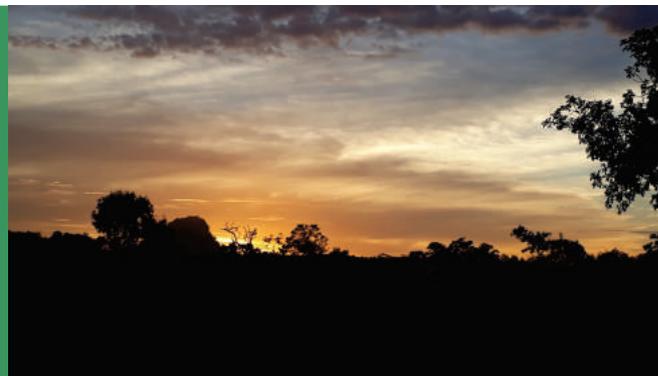


Kum'tum Akroá-Gamela (Inaldo)

*Essa energia está no nosso coração, está aqui e está lá. Estamos fazendo o reencontro de uma separação que nunca houve. A gente nunca se separou. Sempre estivemos unidos por essa energia dessa raiz velha, antiga, mas que brotou e vai continuar brotando. Se nós estamos aqui hoje é pra continuar uma luta que fala de garantir o direito da nossa existência (Kum'tum Akroá-Gamela (Inaldo), Território Taguaritua, Viana).*

Continuando a abordagem do processo de emergência étnica, merece atenção a defesa do Cerrado, que contribuiu para o sentimento de pertencimento indígena. Eles asseguram que a chegada do agronegócio, assim como a implementação do MATOPIBA, intensificou o processo de expropriação territorial que vinham sofrendo ao longo da história. As ações implantadas vêm ocasionando a destruição do Cerrado. Considerando essa conjuntura, ser Gamela significa lutar pela preservação da natureza e estar em oposição aos “projeteiros” (designação dada aos fazendeiros do agronegócio) e a todas as atividades que favoreçam a agricultura empresarial.

Este posicionamento político os integra a um coletivo mais amplo designado de Povos do Cerrado, categoria identitária que agrega coletividades que se opõem as mazelas ocasionadas pelo agronegócio. O processo de resistência e o enfrentamento das adversidades acontece, portanto, em parceria com outras coletividades igualmente impactadas tais como as quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, pescadores, brejeiros, extrativistas do buriti e assentados.



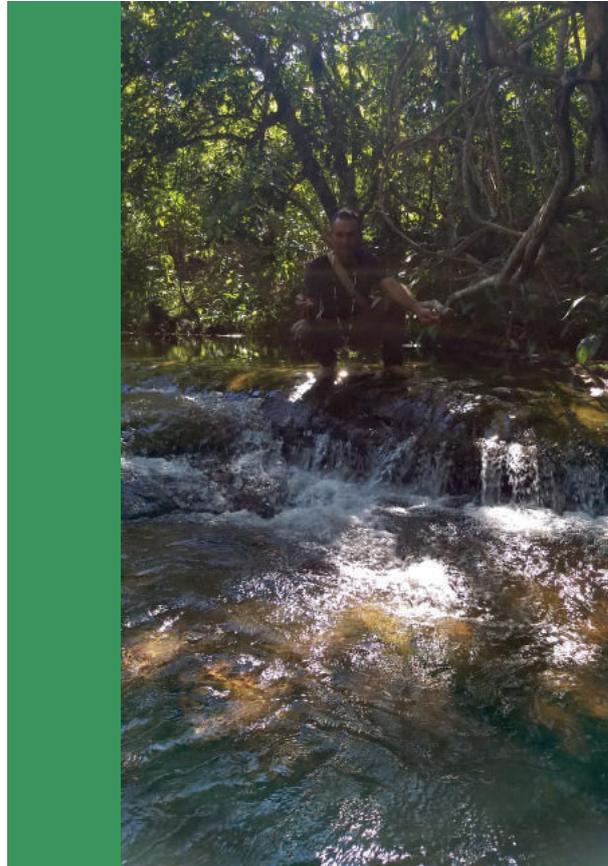
Paisagens do Cerrado piauiense

## PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS GAMELA

Os relatos sobre o processo de territorialização presentes na memória social dos Gamela remetem ao período colonial, ocasião em que passaram a ser massacrados pelos “brancos” que, segundo eles, chegaram matando, expulsando e dominando os espaços. Antes desta presença, eles detinham um território de grande extensão, que era compartilhado com outros povos indígenas. A expropriação territorial foi acontecendo ao longo dos séculos desde a chegada do colonizador. A partir de então, passaram a ser vítimas de perseguição e violência.

A historiografia piauiense registra a presença dos Gamela no Piauí nas margens do Rio Parnaíba. Entre os autores que trazem esta referência podemos citar Pereira de Alencastre, Pe. Joaquim Chaves, Moyses Castelo Branco, Odilon Nunes, João Gabriel Baptista e Luiz Mott. Em síntese, os relatos informam que habitavam a região do médio Parnaíba e que são detentores de uma trajetória de ocupação e deslocamento entre o Piauí e o Maranhão. Uma das migrações descrita foi efetivada após o levante do ano de 1713, na grande revolta, ocasião em que se estabeleceram entre Bacabal e na foz do Rio Grajaú. No ano de 1784, José Teles da Silva, governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, através de ofício, informou que eles eram os legítimos donos de 10 mil hectares em Viana. Relatou ainda a existência de cultivos deste povo nas margens do Lago Cajari e outros locais da capitania do Maranhão. Outras fontes mencionam o retorno ao Piauí nos anos de 1789 e 1816.

Curt Nimuendajú registra a existência dos Gamela em seu Mapa Etno-histórico e faz referência a eles como sendo indígenas portadores de adereços labiais similares a pratos. Por volta do século XVIII, afirmou a existência deste povo no Maranhão, em Codó, Lagos dos Vianas e Penalva. No final da década de 1930, ele visitou um povoado habitado pelos Gamela no oeste do Lago Capivari, em Penalva e Viana. A produção do autor enfatiza a miscigenação e as perdas culturais. Ele destaca o abandono da língua indígena, que deu lugar ao uso de um português rural (ver NIMUENDAJU, Curt. "The Gamella Indians". Primitive Man. vol. X, nº 3 e 4. jul and october, 1937).



Vegetação da comunidade Prata



Gamelas do Piauí e Akroá-Gamellas do Maranhão

Desde o período colonial, assim como outros povos indígenas, os Gamela foram severamente guerreados. Isso resultou na dispersão do povo, que atualmente se encontra situado em porções de terras localizadas no Piauí e Maranhão. No primeiro estado utilizam a denominação Gamela e vivem em Bom Jesus (Barra do Correntim, Assentamento Rio Preto e Salto I e II e Tamboril), Baixa Grande do Ribeiro (Morro D'Água e Prata), Currais (Pirajá, Passagem do Correntim e Laranjeira) e Santa Filomena (Vão do Vico). No segundo, adotam o nome Akroá-Gamela e residem no Território Taquaritiua, localizado nos municípios de Matinha, Viana e Penalva. Os membros desta coletividade evidenciam o sentimento de pertencimento ao mesmo povo, o que nos permite sustentar que em decorrência de contingências históricas, o processo de territorialização por eles vivenciados resultou na constituição de um *território multilocalizado*, constituído de áreas situadas nos referidos estados do Nordeste.

Em relação ao Piauí, a cartografia social deste povo nos possibilita afirmar que durante o processo de ocupação deste estado, a ação dos bandeirantes dizimou parte da população, resultando na redução populacional. Os conflitos vivenciados eram caracterizados por uma correlação de forças bastante desigual. Os indígenas, no entanto, enfrentaram e resistiram como puderam. Eles afirmam que resistir significou migrar para outros locais, tais como Maranhão e Pará. Outra saída foi se acomodar à conjuntura desfavorável que se instalou e em silêncio continuar transmitindo a cultura por meio de relatos contados às novas gerações. Em decorrência, durante anos permaneceram invisíveis e mencionados nas narrativas oficiais apenas como índios do passado que foram exterminados.

Esta percepção produziu na sociedade a crença de que no Piauí não existem mais indígenas. A historiografia local favoreceu a esta percepção na medida em que narraram predominantemente à violência e o extermínio dos povos nativos e pouca atenção foi dada às estratégias de enfrentamento e resistência ao processo civilizador. Enquanto as narrativas dos indígenas eram contadas nos bastidores dos núcleos familiares devido ao medo da perseguição e do preconceito; a narrativa do extermínio foi divulgada na esfera pública através dos relatos dos colonizadores, da historiografia oficial e dos livros didáticos, por exemplo.

O discurso de inexistência de indígenas sustentado durante muito tempo foi oportuno para legitimar um novo domínio dos territórios que tradicionalmente a eles pertenciam. O poder público e o privado foram privilegiados na medida em que se tornaram os detentores das terras indígenas.

*Ao longo do tempo o quê aconteceu? Porque que eles disseram que os Gamela tinham desaparecido? E aí a gente olha as caras assim e diz: - Os outros indígenas, porque dizem que desapareceram? Porque eles queriam sabe o quê? Ficar e tomar a nossa terra. Porque vocês sabem que tem uma coisa antiga no Brasil e que está na Constituição, que é o direito nosso sobre a terra. A gente é e nunca acabou. Porque quando os portugueses chegaram aqui para fazer isso de descobrir o Brasil, nós já estávamos aqui ou não? Nós já estávamos aqui. Então o nosso direito é anterior a isso que a gente chama de Brasil. Antes do Brasil existir nós já estávamos aqui. Quando a gente diz que minha bisavó era índia, minha avó, minha mãe e meu pai, significa que eu sou. É isso que vale, é o meu jeito de viver que vale como critério. Não é a FUNAI, não é o governo do Estado que vem aqui e vai dizer que vocês são Gamela ou não. Quem tem que dizer que é Gamela, quem é? Nós que temos que dizer, a partir da nossa história e do jeito que a gente vive (Kum'tum Akroá-Gamela, Território Taquritiua - MA).*

Nas últimas décadas, em um novo momento da história, a família dos Caboclos, constituída em parte pelos Nunes e Pereira, passou a evocar publicamente as narrativas dos antepassados para afirmar a sua indianidade no presente. Diante das ameaças ocasionadas pelo agronegócio no sul e sudoeste do Piauí, eles protagonizam a construção de uma etnicidade política pautada na descendência indígena deste núcleo familiar autodesignado de Gamela. O enfrentamento aos “projeteiros” e a reivindicação territorial apresentada no presente está baseada nesta sucessão predominantemente evidenciada nos relatos sobre a família dos Caboclos, os/as indígenas capturados/as no mato, das pontas de rama e das inscrições rupestres.

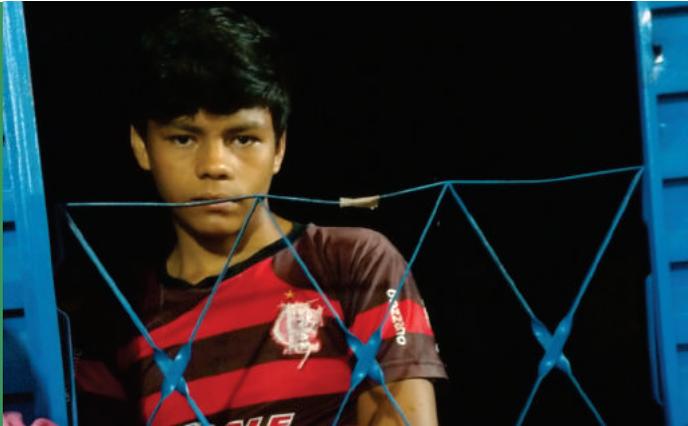


Passagem de pedra na comunidade Pirajá

*Aquele povo dos Currais é nossa família. Esse povo da Mila, nós somos primos, parentes, tudo uma família só. Maria Constância, ali é tudo Caboclo, filha do Aristide Caboclo. É Caboclo mesmo, minha família é cabocla (Angela, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

*No Pirajá tem o pessoal do Aristide Caboclo, que é uma família muito grande que é dos índios. Destá que eu vou lhe mostrar lá na casa do Salvador, que é índio. Você vai ver que é índio, índio legítimo (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

*A comunidade Prata na beira do Rio Uruçuí, o James conhece, lá tem inscrições rupestres. É sinal de que lá já foi morada dos nossos antepassados, dos indígenas. Fica lá pelo lado da Fazenda Aroeira. A comunidade Prata é dos descendentes dos indígenas Gamela. Nós nos consideramos descendentes indígenas Gamelas, por que realmente nós temos sangue dos Gamela nas veias (Marcos Neto, Pirajá, Currais).*



Indígenas Gamela

Considerando a geografia do Cerrado, os dados etnográficos coletados em campo apresentam a forma de ocupação deste espaço. Os baixões são lugares habitados pelas comunidades, destinados à agricultura familiar, a pesca e a criação de animais de pequeno porte. As serras são terras de uso comum, destinadas ao pasto dos animais, caça, coleta do mel e plantas de uso medicinal. A cosmologia indígena indica ainda que o Cerrado, principalmente as serras, é morada dos encantados, ou seja, dos indígenas que passaram a viver no mundo da encantaria.

Além de todos os problemas mencionados, a chegada do agronegócio representou o desmantelamento dessa dinâmica de ocupação territorial. As comunidades ficaram confinadas nos baixões, em parcelas de terras cada vez menores e insuficientes para atividades produtivas antes realizadas. Nas serras foram instaladas as fazendas de monoculturas, produzindo desmatamento, desequilíbrio ambiental e extinção de plantas e animais nativos. Os encantados perderam sua morada, alguns desapareceram e outros vivem atormentados vagando pelos baixões. Desta forma, o agronegócio vem produzindo a desestruturação do mundo humano e do mundo dos encantos, o que acentua o drama vivenciado pelos Gamela.



Gamela da comunidade Pirajá em trabalho de grupo durante a oficina

Inúmeros conflitos socioambientais têm emergido. Além dos danos ambientais já causados, os “projeteiros” agora pressionam e ameaçam os indígenas na tentativa de expulsá-los dos baixões, pois desejam ocupar estes locais, onde a natureza ainda se encontra preservada e onde estão situados os recursos hídricos, ou seja, os rios, brejos, córregos, cacimbas e as nascentes. O registro dos baixões como área de reserva das fazendas é uma das artimanhas cometidas pelos fazendeiros. Esta prática tem sido evidenciada quando os agricultores tentam realizar o Cadastro Ambiental Rural (CAR) ou adquirir algum documento das propriedades. Neste

momento, constatam que o local onde moram, plantam e criam já foi georeferenciado e registrado, o que gera transtornos e contendas com os fazendeiros. Grilagem e venda indevida de terra são bastante recorrentes também.

*Essa terra que nós moramos é reserva de projeteiro. Eu vi no computador de um cara um dia mostrando a subidinha, o baixão e ainda passa na divisa. Está lá no computador dele (Luiz, Pirajá, Currais).*

*Os nativos estão todos ameaçados. Os caras tomaram tudo. Na Laranjeira ali nem o gado não pisa mais em baixo que o fazendeiro não deixa (João Eurico, Pirajá, Currais).*

*Então, um rapaz de Minas Gerais comprou de um pessoal, não vou falar o nome para não citar, porque eu já estou bem na mira. Dessa venda surgiu um conflito. Conflito de quê? Porque eu, nem minha família, nem esse rapaz não vendemos. Então, é daqui de dentro que está nascendo o conflito, entende? Hoje, a gente está tendo uma grande suspeita. Próximo da casa da minha mãe foi cercado uma área, ela foi vendida seis vezes por um produtor só, seis vezes. Foi onde apareceu as ameaça para mim, para minha mãe e para um menino meu de menor e para uma irmã minha. Minha mãe foi jurada de bater a língua*



Apresentação dos Gamela do Morro D'Água

*em riba de um poste. Então, essa cerca aqui, ele fez para tomar esse trajeto aqui, porque daqui para cá está georeferenciado. Então esse local daqui para aqui, até topar aqui embaixo, por cima da serra, eu não sei, fizeram um CAR de sete mil e não sei quantos hectares (Adailto, Morro D'Água, Baixa Grande do Ribeiro)*

Nos dias 06 e 07 de maio de 2018, a equipe de pesquisa do PNCSA percorreu o trajeto da comunidade Vão do Vico, em Santa Filomena, até a comunidade Pirajá, em Currais. Nesta ocasião, ao longo do curso da Rodovia Transcerrado foram georeferenciada 30 fazendas. Constatou-se que o território indígena está totalmente invadido pelo agronegócio. Essa ocupação gera danos ambientais, inúmeros transtornos e ocorrências que representam a violação dos direitos indígenas. Além de confinados nos baixões, eles relatam a proibição de deslocamento, restrição de acesso aos locais, ameaças de morte, escolta armada dos fazendeiros, derrubada e queimada de casas e roçados.



Apresentação dos Gamela da Comunidade Vão do Vico



Adailto, Gamela da Comunidade Morro D'Agua

*Quais são as ameaças de permanecer nessa terra? As ameaças de mão armada de rifle e espingarda de calibre 12, pistoleiros fora de hora em casa, quebração de colchete, matança de animais como bovino e vários animais domésticos: burro, égua, cavalo e cachorro. Já foi registrado oito boletins de ocorrência sobre mortes de animais e quebração de colchete, ameaça de arma e desrespeito a natureza. Outro dia eu não recordo a data, jogaram muito veneno na caverna, onde há a nascente e mataram vários morcegos de uma espécie em extinção. Temos impactos dos*

*projetos interrompendo ladeiras de estradas antigas, que a gente passa no dia a dia; impacto de agrotóxicos das grandes empresas atingindo as águas e plantações naturais, como as plantas das roças e matança de abelha (Cristiane, Morro D'Agua, Baixa Grande do Ribeiro).*

*E essa prática continua. Queimaram uma casa agora, recentemente, em 2017. Em dois mil e alguma coisa, eles foram lá e tornaram a tocar fogo numas casas que tinha lá. Essa prática continua, nunca parou não (Grosso, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

Outros problemas enfrentados são as restrições de uso do território ocasionadas pela instalação da Estação Ecológica de Urucuí-Uma (limites geográficos: NE 44°57'49" W e 8°53'02" S SE 45°11'37" W e 9°06'34" S, NO 45°23'02" W e 8°39'26" S e SO 45°26'19" W e 8°54'24" S). Localizada em Baixa Grande do Ribeiro, foi criada pelo Decreto 86.061 de 02 de junho de 1981. É administrada pelo IBAMA e constituída por uma área de 135 mil hectares. Trata-se de uma estação ecológica destinada a pesquisas científicas e visitas educacionais. Os moradores que já habitavam o espaço sentem-se ameaçados pelas regras impostas. A comunidade Prata é uma das que se encontra nesta situação. Segundo seus integrantes, a cultura indígena não está sendo respeitada e as práticas tradicionais estão sendo criminalizadas. Outro problema é a existência de grilagem de terra dentro da estação.

*Antônio Batista estava ingasturando (atormentando) com todo mundo. Ele é do ICMBIO e está querendo multar os nossos índios só porque fizeram a ponte para passar para a comunidade Barra do Correntim. O rio cavou um pouco, aí juntou um bocado de gente para colocar piçarra, para ficar piçarrada a estrada. Pois o Batista veio discutir e andaram perto de se matar. O Batista está provocando o pessoal de dentro da área. Ele foi brigar com o cumpadre Aladio, que é meu primo legítimo. Ele foi discutir com ele e quase brigaram. Ele diz que a gente não pode fazer casa dentro da estação. Nós temos que tirar esse homem daqui de dentro pelo amor de Deus. Nós não vamos aguentar essa ameaça muito tempo (Salvador, Prata, Baixa Grande do Ribeiro).*



Salvador apresentando o mapa da comunidade Prata

*Lá ninguém pode fazer nada. Não pode plantar uma roça, não pode fazer uma casa, por que o senhor Batista do ICMBIO não quer deixar ninguém fazer. É um problema seríssimo (Marcos Neto, Pirajá, Currais).*

*A respeito do Salvador de Maroto lá da Prata, eles estão perseguido mesmo. A presiga é do ICMBIO que não quer que o povo lá dentro faça nada. Esse pessoal que mora lá dentro são os dono do lugar. Quando o ICMBIO criou a reserva lá, já existia esse povo lá que é os indígenas. O Batista, que é o chefe da reserva, foi aonde estava ele pra falar por que ele tinha coletado pontos (após a oficina do PNCSA). Disse que ele estava coletando ponto para vender terra e abusou ele muito lá. O Salvador falou que estava coletando ponto que era uma coisa de pesquisa, coisa dos indígenas, não era para vender. Mas assim mesmo eles não ficaram gostando não. Mas isso é uma coisa muito importante, pois na hora que a gente tiver com os mapas na mão, é a hora da gente chamar a FUNAI para fazer uma visita (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

Apesar das adversidades, eles asseguram que continuarão lutando em defesa de seu território. A sobrevivência física e cultural depende desta resistência e permanência. O local em que vivem abriga a força dos encantados, é a morada dos antepassados e possui muitas riquezas e todos os recursos que precisam para bem viver. Eles asseguram que são um único povo, os Gamela e os Akroá Gamella, e juntos darão continuidade a batalha que vem sendo travada ao longo dos tempos.



Marcos Neto na comunidade Prata

*Se os Gamela do Piauí não fizerem a luta, não vai ter território, vocês estão entendendo? Se os Gamela do Piauí não lutarem, não vai ter território. O governo do Estado pode vir aqui e dar um pedaço de terra, mas isso não é o território dos Gamela e os Gamela vão se matar depois. E vocês querem isso? A gente quer isso? Não. Então, a gente tem que lutar. Nós viemos lá do Maranhão, nós estamos lutando, nunca parou um dia a ameaça. Eu mesmo tenho uma marca aqui de um tiro que entrou aqui e saiu, porque me deram um tiro. Mas se me matar, eu vou continuar aqui. Então a gente vem aqui fazer isso. Desde que encontramos o James, eu disse que a gente tem que se reencontrar de novo. A gente tem que dizer que a gente sempre esteve junto. A gente tem que lutar junto. Se a gente não lutar junto, nós vamos ser derrotados. Então a gente veio pra trazer essa energia nossa e juntar com essa energia daqui e dizer: - Essa terra aqui é nossa! O governo do Piauí num pode, em nome de soja, de milho, de dinheiro, expulsar os Gamela que estão aqui, não pode. E nós não podemos deixar isso acontecer. Nós temos que juntar os homens que estão aqui, as mulheres e as crianças para a gente lutar pelo território. Nós lutamos ou não lutamos? Vamos continuar essa luta, sem medo da gente ser perseguido, ameaçado, sem medo de ser morto (Kum'tum Akroá-Gamela, Território Taquaritiua).*

Lá é uma ilha de serra que pertence a nós. Esse cara já vendeu essa serra para o INCRA, vendeu para umas quatro ou cinco gente de fora e continua vendendo. Nós passamos para cima (retomada da terra) por que é nossa. É um direito nosso. Essa semana o pessoal do INTERPI foi lá querer que nós comprássemos do Estado esse pedaço de terra pra nós pagar R\$600,00 para o agrimensor e ficar pagando para o Estado. Como é que nós vamos ter condição de pagar uma coisa que já é nossa? Nós dissemos que não queria não, que não íamos comprar e nem desocupar. O que nós queremos é que o Estado venha e entregue a terra. A terra é nossa, não é de cabra que vem do Goiás não. Quem devia nos proteger abriu fora, mas nós não abrimos não. Pode é dar morte lá em cima, mas nós não saímos do território que é nosso. Nós não vamos dar para os outros o que é nosso. Nós não vamos dar para grileiro vender umas dez vezes. Eu sei que nós estamos em cima da terra. Nós fizemos a cerca e fizemos uns barracos. No dia que desce quatro homens, ficam dez, quinze. Mas não desce todo mundo com medo deles tomarem mesmo. O cara está lá no Goiás, mas pode uma hora de repente ele vir querer tomar, pois nós não temos proteção de ninguém. Esse povo que está lá retomando é tudo da Barra do Correntim e do Assentamento Rio Preto. É esse povo que está dentro da luta. É só uma família, é tudo indígena. Lá tinha dois rapazes que ocuparam para vender. Esses nós botamos para fora de lá. Até as redes para apanhar eles apanharam escondido (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).

Porque permanecer no local? Porque tem muita água e a gente preserva a nascente desde quando a gente está lá. É de onde nós tiramos nosso sustento, plantamos e colhemos nosso sustento, criamos nossos filhos na maior naturalidade, ensinando a respeitar a natureza. Terra rica em muita beleza, tem alimentação para os Gamelas. A gente citou alguns tipos: cutia, veado, capivara, catitu, peba e tatu. Tem também buriti de onde tiramos o óleo e a massa. Precisamos permanecer porque somos nativos dessa terra. Nos anos 40 nessa localidade, meu avô, avô do Antônio Martins, já morava lá, Tomás Pereira Lima. O Adailto, que é indígena Gamela, sempre morou próximo à caverna, sempre tentando preservar a nascente, combatendo a grilagem, sendo ameaçado de morte pelos grileiros. Sempre quero prosseguir a luta com os meus filhos, praticando rituais em um lugar sagrado que é a nossa nascente (Cristiane, Morro D'Água, Baixa Grande do Ribeiro).

Nossos pais lutaram para nós viver e crescer lá (Vão do Vico). Meu pai morreu, mas vamos lutar, vamos levar essa origem do nosso pai. O nosso pai lutou para não tirar nós de lá desse lugar, porque ele disse que sempre nós somos os donos. Somos nascido e criado e vivemos lá. Meu pai nunca saiu de lá para lugar nenhum. Nasceu, se criou e não saiu nem no caixão. Ele foi enterrado lá perto (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).



Apresentação do mapa da comunidade Vão do Vico

## SITUAÇÃO DAS COMUNIDADES NO SUL DO PIAUÍ

Os recentes estudos sobre o Cerrado tem demonstrado sua grande importância na dispersão hídrica do continente, devido a sua posição central no território brasileiro. Além disso, o Cerrado estabelece áreas de transição com os principais biomas da região e constitui-se como um ponto de equilíbrio entre eles. É, portanto o maior bioma em extensão, ocupando uma área que corresponde a um quarto do Brasil. No estado do Piauí, o Cerrado se estende em áreas de 24 municípios, ocupa 11,8 milhões de hectares, o que corresponde a 46% do território desta unidade da federação.

A ocupação do Cerrado piauiense pelos grandes projetos se iniciou nos anos de 1970, no entanto, é nos anos de 1990 que essa ação se intensifica através do cultivo da monocultura da soja. Desde então os povos e comunidades tradicionais do sudoeste do Piauí vêm sofrendo com invasão e a grilagem de suas terras. Essa ação tem se intensificado nos últimos anos e com isso, a expropriação da terra e expulsão dos moradores, mortes e adoecimentos de agricultores tem sido uma constante. Exemplos dessa ação devastadora são constatados no Assentamento Rio Preto, Barra do Correntim Passagem do Correntim, Brejo Seco, Melancias, Morro D'agua, Prata, Pirajá, Salto I e II, Sangue e Vão do Vico. Apesar de suas particularidades, esse conjunto de comunidades vivenciam conflitos socioambientais em decorrência do processo de invasão de suas terras por projeteiros e grileiros que se estabeleceram na região nos últimos anos.



Fazenda do agronegócio na região do Cerrado piauiense

Barra do Correntim, por exemplo, é uma comunidade rural localizada em Bom de Jesus, a 144 km da sede deste município. A maioria da população se autodeclara indígena Gamela. De acordo com os relatos dos moradores, seus pais, avós e bisavós, sempre viveram na região. Eles têm clareza de que os conflitos se iniciaram com a chegada dos fazendeiros e a instalação do agronegócio.

A narrativa dos moradores da comunidade demonstra que estes viviam na região há muitos anos, quando não tinham estradas, fazendas ou grileiros. Segundo eles, ali era meio “deserto”, pois só existia as casinhas dos moradores.

*Nós morávamos aqui e aqui não tinha nada, era um deserto, só tinha onça, cobra, essas coisas aqui. E nós que morávamos aqui perto numas casinhas, casinhas de barro feito de taipa, sabe o que é taipa? Pronto, nos escondíamos aí debaixo. Quando começava a chuva, nós nos quietávamos ali com medo da onça vir, porque carreiro não tinha (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

Os problemas com a grilagem de terras e com os fazendeiros tornara-se mais violentos a partir dos anos de 1990. Nesse período, com a produção de soja em larga escala já consolidada nos estados vizinhos do Maranhão e Bahia, a invasão e compra de terras a baixo preço se intensifica na região sul e sudoeste do Piauí. Foi nesse contexto que a Prelazia de Bom Jesus do Gurguéia, que neste momento era a proprietária da faixa de terra que corresponde a Barra Correntim, resolveu vender a um fazendeiro, desencadeando uma série de conflitos.

*Então, aqui era tudo da Prelazia e em 1988, o bispo vendeu terras da Prelazia para um rapaz chamado Antônio Braga. O Braga veio aqui e botou um pistoleiro da Aroeira para derrubar todas as casas e tocar fogo e botar nós para fora. Justamente ele fez isso aí. Queimou nossas casas, jogou nossas coisas para lado de fora. Advogado nós não tinha, nem condição também de pagar e ficamos largados no meio do mundo, sem saber por quem chamar (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

A única pessoa que se posicionou a favor da comunidade foi o Sacerdote John Antony Mayers (Padre João), missionário redentorista nascido na Irlanda e que havia chegado à região ainda nos anos de 1980. Ao ver o sofrimento dos moradores, ele os animou a enfrentar a situação e lutar pela permanência e posse da terra.



Placas das fazendas do agronegócio em Santa Filomena

*O quê que aconteceu? Ele (Padre João) foi a Teresina mais meu pai e um rapaz chamado Antônio Danta. Fizeram reunião com o governador Freitas Neto e pediu a terra para nós. O Freitas Neto autorizou que sim. O presidente do INTERPI, chamava Marcos Eva, que hoje é o prefeito de Bom Jesus, que é quem comanda aqui, ele veio bem aqui e chamou todos nós de índio e eu digo: - Acertou no lugar. Mas o INTERPI veio medir um palmo para cada um, o padre João disse que não queria e que era para eles voltarem. E eles diziam que não voltava atrás. Aí o padre João foi a Bom Jesus, deve ter ligado para Teresina, com oito dias eles chegaram de novo aqui com raiva e saíram cortando os pedacinhos de terra para nós. Não para todos, para uns e outros não. Então hoje a comunidade cresceu, terra não tem mais. As terras que nós temos não servem pode dizer assim quase para nada, porque não dá maxixe nem cria bode, porque não serve. E nós estamos dentro dessa comunidade, até sem saber para onde ir. A nossa família está crescendo, os filhos, os netos, os bisnetos estão chegando e não têm onde eles trabalhar. Antigamente aqui não tinha projeteiro. O projeteiro que chegou aqui foi o Milton e o Osvaldo Lara, na cabeceira do rio. Depois esses projeteiro foram chegando, comprando terra bem baratinha e foram chegando, chegando e hoje estão aí. Acabaram com o Cerrado todo, não tem mais nada. As águas nossa estão acabando, daqui uns dias nós vamos passar sede, daqui a pouco não tem água mais. E eles estão aí, eles trabalham com o tempo, quando vê que não dá mais, eles largam a terra aí e vão embora e nós fica no prejuízo (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

A situação da comunidade *Vão do Vico* não é diferente. Pertencente ao município de Santa Filomena, seus moradores também têm sido vítimas da expropriação de suas terras. Eles afirmam que seus antepassados sempre viveram no local e que os conflitos nessa comunidade tornaram-se mais violentos nos últimos anos com a ocorrência da derrubada de uma casa, intimidação com escolta armada e tentativa de expulsão dos moradores.

*A derriba da minha casa foi no dia 10 de maio de 2015. Eles passaram e nós tínhamos acabado de chegar. Eu vi um homem lá, mas eu não conhecia quem era. Eu disse que ia para a roça apanhar arroz e nós íamos dormir lá, que eu nem imaginava que era um capanga lá da fazenda que eu não conhecia. Nós fomos para roça apanhar arroz e lá nós dormimos, que era distante. Era 5 km da minha casa para roça. Quando foi no outro dia, meio-dia, meu irmão chegou dizendo: - Derrubaram sua casa. Ele escutou a meia noite a máquina zuar cá para cima. Quando foi de manhãzinha cedinho, ele foi olhar a casa, quando chegou lá, só estava a montueira da casa no chão derrubada com minhas coisas tudo dentro. Ele correu lá na roça e me avisou. Eu vim na cidade registrei um BO (Boletim de Ocorrência) e não tive solução nenhuma. Nós registremos o BO no dia 11 e a polícia não foi. Derrubaram a cerca, nós registramos o BO, a polícia não foi. Tiraram o marco que tinha lá, registramos o BO, a polícia não foi. Por causa de uma cerca que eles queriam, entraram lá. Teve não foi nem discussão, eles disseram que entravam de um jeito ou de outro. Meu cunhado mais meus irmãos disseram que eles não poderiam entrar lá. Disse: - Eu entro de um jeito ou de outro eu vou entrar. Eles olharam assim e viram essas espingardinha mete bucha, que eles estavam fazendo lá uma cerca. Eles correram na rua e registraram um BO, disse que nós estávamos atacando eles de arma de fogo. Foi de imediato que a polícia chegou. Chegou lá, só tinha eu e minha sobrinha na casa da minha irmã. Eles chegaram e abriram o colchete e sentaram. Procuraram pelos homens. Eles estavam para o serviço, estavam na roça trabalhando. Começaram a puxar conversa, com nós lá. Eu disse assim: - Eu registrei um BO, que derribaram a minha casa e vocês nunca vieram. Agora porque a Damha (Damha Agronegócios) bateu os dedos, vocês vieram com a polícia. Eles disseram: - Não, mas o pau que bate em Francisco é o mesmo que bate no Chico. Tiraram essa gracinha com nós. Aí digo, mas não é assim como vocês pensam. Meu cunhado chegou, chegou o Markisan, chegou os meus irmãos todos. Ameaçaram meus irmãos, meu cunhado, tomaram até a bate bucha que eles vinham trazendo e disse: - Qual foi de vocês, qual foi deles que apontou a arma para vocês? Ninguém. E como vocês vão chamar a polícia aqui na nossa porta para dizer que nós ameaçamos vocês de morte? Quem anda com a arma é vocês, com arma na cintura, ameaçando nós todos os dias. Nós tivemos uma discussão, nós jogamos no Ministério Público, o ministério foi lá em Santa Filomena. Nós demos o depoimento como foi e processaram os três policiais. Hoje eles não andam dentro de nossa área, por nada eles não entram (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).*



Imagens da casa derrubada na comunidade *Vão do Vico*

Apesar dos conflitos existentes na comunidade, os moradores não desistem do sonho de viverem em paz e lutam pela posse de suas terras. Atualmente, nesta localidade vivem cerca de dez (10) famílias indígenas, que apesar de todo o sofrimento, ainda resistem. A comunidade de Pirajá, no município de Currais, também enfrenta grandes problemas com a grilagem de terras. De acordo com o relato dos moradores, antes da chegada dos projeteiros no Cerrado, na comunidade havia beleza e muita fartura. A comunidade, através da agricultura, produzia seu próprio sustento. Nos últimos anos com a introdução dos grandes projetos, a situação mudou, deixando grandes prejuízos para a comunidade.



Apresentação do mapa da comunidade Pirajá

*A história do Pirajá como a gente sabe, a comunidade já é bem antiga. A gente está aqui com alguns que é, se não são os primeiros, mas são filhos próximos dos primeiros habitantes de lá. A gente tem aqui dois mapas, esse que representa aqui a lagoa que a gente tem no Pirajá. Aqui tem o primeiro esquema que mostra a lagoa quando ela era ainda muito rica, rica em nutrientes, rica em espécie. Aqui a gente tem outro esquema que mostra ela já bem diminuída, com alguns fatores acabou que diminuindo. Por exemplo, temos o cerrado, que fez com que diminuísse essa lagoa e alguns fatores antrópicos, que são fatores do homem mesmo. Queimada, desmatamento acabou que gerando isso né, essa diminuição nessa lagoa. Era muita espécie. Então aqui a gente tem alguns animais que antigamente o pessoal consumia. Temos o tatu, temos o peixe e aqui a gente fez só pra representar mesmo os moradores e os encantados. Aqui temos também os bovinos, que é a vaca e o boi e do próximo lado aqui a gente tem a lagoa, quase secando. A gente perde nascente, perde várias coisas. Aqui temos as árvores de antigamente, que é a aroeira, pau d'arco, ipê e o buriti. Essas espécies que antes tinha em mais abundância, hoje é possível perceber que houve uma grande diminuição por causa desses fatores: desmatamento, queimada. Mas mesmo assim a gente consegue ter ainda o buriti em abundância. A maioria da população ainda consome muito e faz do buriti a sua sobrevivência, porque como é localidade pequena, acaba que pegando essa riqueza e transformando, digamos, em sua sobrevivência. Então os fatores são o grande desmatamento, perda de espécie e o principal foi o sumiço dos encantados (Willian, Pirajá, Currais).*



Ferrerinha, Gamela da comunidade Pirajá

De acordo com relato de seu Ferreirinha, um dos moradores mais velhos da comunidade, o desmatamento do Cerrado tem causado grande prejuízos, pois a água acabou e a lagoa secou.

*Eu vou falar primeiro sobre o prejuízo da São João (fazenda), do Cerrado que desmatou das cabaceira dos baixão. Então, hoje estamos sem a lagoa, porque tem um baixão que é em frente à lagoa. Com a desmatção, a enchente vem a água vem toda para cá e acabou com a lagoa. Não foi gente que entupiu nem isso nem aquilo outro não. Foi a água que veio de lá e ela vaza por um lado e pelo outro. Quando veio aquele monte de areia e acabou com a lagoa, o problema foi esse (Seu Ferreirinha, Pirajá, Currais).*

## COSMOLOGIA INDÍGENA: OS ENCANTADOS

Durante muito tempo os povos indígenas foram vistos como “selvagens”, por essa razão, suas religiões não foram consideradas e suas histórias foram tratadas como mitos ou lendas. No entanto, é fato que os povos indígenas de modo geral e em especial os indígenas da América do Sul possuem uma cosmologia própria. Cada povo possui sua própria percepção do mundo, suas crenças e sabedorias. No Nordeste, há determinadas crenças que são compartilhadas por indígenas e não indígenas, como por exemplo, a crença nos “encantados”.

Os encantados são entidades que são apresentadas de várias formas. Para uns, são pessoas vivas ou mortas que passaram para outra forma de existência, que não são afetados pela passagem do tempo, e que são invisíveis à maioria das pessoas. Para outros, são seres que protegem as matas ou personagem do panteão umbandista, podendo estes se manifestar da forma que desejarem.

A crença nos encantados é compartilhada por vários povos indígenas do Nordeste brasileiro. No sul e sudoeste do Piauí, a fé nestas manifestações está muito presente. Na região de Barra do Correntim, Vão do Vico, Morro D'água e Pirajá, tal crença é constantemente manifestada nos relatos dos moradores. Segundo eles, “os encantados” são seus antepassados que partiram dessa vida, mas que continua ali, para protegê-los. Estes, são pessoas que, mesmo após sua morte, possuem o dom de se encantar e com isso adquirem a capacidade de transitar pelo mundo humano e dos encantos.

*E aqui, sobre os índios que eu não chamo caboclo, meu avô me ensinou a chamar foi índio, porque quando eu era rapazote assim, ele disse: - Olha meu filho, aí tem um pessoal que a gente não conhece ele, mas eles conhecem nós. Eles dizem alguma coisa, mas nós não pode dizer nada, nós não podemos zangar eles, não podemos fazer nada. E eu vi diversas vezes, topar com índio, só que eu não falava nada, eu sozinho mesmo tinha condição de ver eles, via só. Pode qualquer pessoa dizer que eu estou mentindo, mas eu não sou de mentira. Uma vez eu estava com um jumento sumido mais de quinze dias e ele me ensinou onde que o jumento estava. Outra vez, eu fui lá no mesmo lugar, eles me ensinaram onde o jumento estava de novo. E aí eu num disse nada. Dessa derradeira vez que ele me ensinou, meu cunhado tinha um cachorro valente, que era quase uma onça e ele me alcançou na estrada. Pedi para ele voltar e ele não voltou. E eu só com um cabresto aqui no ombro, com a peixeira na cintura. Eu cheguei lá no baixão onde tinha um pezão de pequi, o cachorro avançou para subir no pé de pequi Eu lembrei, eu digo: - É os homens. Eu consegui pegar o cachorro, amarrei com a ponta do cabresto. Quando eu caminhei assim um pedacinho, o jumento estava bem acolá naquele baixão (Ferreirinha, Pirajá, Currais).*

*Eles são indígenas, são pela forma toda deles tocar borá. Eles conversam, passam assim que a gente pensa: lá vem ali uma pessoa, mas não estamos entendendo nadinha. Está ali, nós vê uma coisa, derriba outra, fala: - Corre ali menino, e nadinha. Quando desce aquela fumaça, a gente olha e não vê nada no mundo. A minha mãe chamava os caboclos, ela tinha um medo de ir na roça. Ela não deixava a filha sozinha na roça, com medo deles passar e pegar (Salvador, Prata, Baixa Grande do Ribeiro).*



Dança ritual na Oficina de Produção Mapa e Boletim

Os encantados necessitam da natureza para sobreviver, pois é dela que vem as suas forças e seus encantos. Aqui é válido notar que eles são ancestrais dos povos indígenas que protegem as matas e gerações futuras e estão sendo ameaçados da mesma forma que os indígenas que hoje vivem na região. Com a destruição da natureza, todos passam pelo mesmo processo, haja vista que ambos necessitam da floresta para continuar existindo.



Lagoa Feia, lugar de encantos



Índigena Gamela do Vão do Vico falando dos encantos da Lagoa Feia

*Os encantados que lá tem estão mais difíceis. Mas lá tinha mesmo bem próximo. Agora com essas coisas que estão acontecendo, eles afastaram mais. Porque os projeteiros tomaram a moradia deles que era a serra. Na serra não tem mais espaço para eles, porque o desmatamento está na beira do baixão. Não tem mais Cerrado para eles ficarem, para eles andarem. Até para caça mesmo não tem mais espaço. Muita coisa não tem mais no nosso território. As caças estão mais difíceis. Veado mateiro não existi mais (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).*

Os diálogos acima demonstram que assim como os agricultores e os indígenas precisam da terra para sobreviver, os encantados também necessitam de suas moradas. Nesse sentido, a situação de desmatamento que vem ocorrendo na região sul e sudoeste do estado tem gerando a expropriação e expulsão dos agricultores, indígenas e encantados de suas terras.



Indígenas Gamela do Pirajá falando sobre as manifestações dos encantados

## OS AKROÁ-GAMELA NO MARANHÃO

O povo Akroá-Gamella localizado no estado do Maranhão, habita o território Taquaritiua e conta com uma população estimada em 1.130 pessoas (FUNAI 2015). Trata-se de uma área em disputa e incide sobre três municípios: Viana, Matinha e Penalva cuja localização corresponde à microrregião denominada Baixada Maranhense. A Baixada caracteriza-se por ambientes singulares devido ao grande volume de recursos hídricos, com destaque para os rios Mearim, Pindaré e Pericumã e a riqueza ambiental desta região é transformada no vetor para os vários conflitos sociomambientais envolvendo os indígenas que se empenham na defesa do seu território. O território tradicional reivindicado abriga, além das comunidades Gamella, outros núcleos populacionais de não-indígenas que a partir de meados do século XX se instalaram irregularmente nas terras a partir de fraude e falsificação de títulos de propriedade - a chamada grilagem de terras. A década de 1970 é marcada pelo avanço dos fazendeiros sobre o território, contudo as ações na Justiça movida pelos Gamella não surtiram efeito. No período de 1980, os Gamella passaram a contar com o apoio e assessoria das pastorais sociais e envolvem-se politicamente com o Sindicato de Trabalhadores Rurais na busca de condições institucionais para reverter, ou ao menos impedir, o avanço da grilagem. A busca de solução como camponeses esteve a cargo, sobretudo, da negativa de assistência por parte da Funai. O órgão

Akroá-Gamella é um etnônimo, uma auto-atribuição referenciada em dois povos que tomam por seus ancestrais históricos, os Akroá e os Gamella. Na literatura sobre o período colonial, são citados ora como inimigos, ora como aliados contra as bandeiras nos sertões das capitanias do Piauí e Maranhão (APOLINÁRIO, *Juciene Ricarte*. 2005. *Os Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão-As práticas das políticas indígena e indigenistas no norte da capitania de Goiás-Século XVIII. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História –UFPE*). A história oral difunde que a formação social no presente tem origem nestes dois povos que resistiram à colonização por serem habilidosos em estratégias de guerra. Deste modo, a junção dos nomes Akroá e Gamella expressa uma conexão entre o movimento de resistência do passado com o presente para a manutenção do território coletivo, não importando o fato da origem destes etnônimos serem designações exteriores ao grupo por agentes coloniais. No desenvolvimento do texto será utilizado tanto o nome composto, como apenas Gamella, somente como critério de redação, considerando ser este último a forma mais utilizada coloquialmente pelos indígenas.

órgão indigenista chegou a ser acionado em 1982, mas não institucionalizou o processo de reconhecimento da terra indígena (ANDRADE, Maristela de Paula. Terra de Índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum. São Luís: Edufma, 2008).

A rearticulação dos Akroá-Gamella como povo indígena no século XXI pode ser compreendida pelo processo de territorialização desencadeado a partir de 2012. O contexto político estava diretamente relacionado ao processo de grilagem sobre seu território, iniciado na década de 1960, o qual criou condições para o estabelecimento de relações de poder mais complexas no cotidiano das comunidades. A presença cada vez mais ostensiva de projetos particulares, como a derrubada de áreas extrativistas para criação de pasto e a construção de tanques de peixe em nascentes de água, impulsionou a decisão coletiva de formular um projeto de retomada do território tradicional. Nas palavras das lideranças, “lutar pelo território para o povo viver com liberdade e reflorestar a natureza sagrada, garantir a liberdade das águas, do guarimã, do babaçu, do buriti, da juçara” (Conselho de Lideranças 2017).

Os últimos dez anos do século XX são referenciados na história oral como um período de protagonismo das mulheres Akroá-Gamella nas ações de retomada do território. Conforme dito por uma liderança do movimento de quebradeira de coco babaçu, “as mulheres colocam o próprio corpo para defender nosso meio de vida”. Esta experiência de luta corporificada nas mulheres fica evidente no depoimento de uma Gamella que participou diretamente das retomadas deste período:



Elivania, Akroá-Gamella durante a oficina na Barra do Correntim



Indígenas Akroá-Gamella realizando pintura corporal durante a Oficina de Produção do Mapa e Boletim, na comunidade Barra do Correntim, em Bom Jesus (PI)

*Foi uma luta de mulheres contra a Roseane Sarney, mas como posseiras e não como indígenas porque naquela época a Funai não aceitou o nosso reconhecimento. Era a maior fazenda que tinha aqui perto e foi muito devastada para criar o gado. Ela acabou com tudo! Buritizal, o guarimã que é a fibra do nosso artesanato, fora a poluição do rio. Aqui, as mulheres Gamella vivem da extração de fibra e de coco babaçu, também da juçara. Não podíamos ver toda aquela natureza se acabando, os capangas não deixavam a gente entrar para colher as fibras e os frutos. Então, juntamos todas as mulheres e fomos lá, os capangas pensavam que iam os homens, mas foram as mulheres. Eles de um lado e a gente do outro (Anciã Gamella, 2017).*

A derrubada das florestas nativas para a expansão dos pastos destinados à criação de gado e búfalo são o segundo aspecto de tensionamento dos conflitos. As invasões possessórias das áreas mais próximas aos lagos e rios estão diretamente associadas às denúncias de incêndio e desmatamento de importantes espécies vegetais para as práticas econômicas e espirituais dos Gamella. Atualmente, a Companhia Energética do Maranhão também é denunciada pelos indígenas pela devastação de mata sagrada e crime ambiental para a instalação de linhas de transmissão de energia sobre o território; sem consulta prévia ao povo, como determina a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (CIMI 2017).

Frente a estas ofensivas, em 2014 realizam a I Assembleia do povo Akroá-Gamella, na aldeia Taquaritiua, e se autodeclaram como povo indígena passando a exigir do Estado o reconhecimento do direito territorial e acesso às políticas públicas específicas aos povos indígenas. De acordo com os registros da ata, participaram desta assembleia organizações de direitos humanos com atuação nacional como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e outros povos indígenas como Krenyê, Krepum Kateje e Tremembé.

Durante os anos de 2015 e 2016 encaminham aos órgãos do Estado várias denúncias sobre o avanço da grilagem e a intensificação da devastação ambiental. Entre as agências oficiadas, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular (SEDIHPOP) realizou, no dia 06 de outubro de 2015, visita ao território e constatou a veracidade dos fatos alegados pela comunidade recomendando aos demais órgãos responsáveis providências imediatas. Vejamos trechos do relatório descritivo:



Os Akroá-Gamella participando do ritual indígena durante a oficina na Barra do Correntim

*Uma extensa área foi devastada com Trator de Esteira, para, ao que tudo indica a construção de açudes que servirão possivelmente para criação de peixes em cativeiro (piscicultura). Na área objeto da devastação os indígenas apontam a existência de nascentes de rios, babaçuais, juçarais, e áreas sagradas, ou seja, aquelas que exercem algum tipo de referência espiritual/religiosa para o grupo. Essas áreas teriam sido destruídas pela ação ora denunciada. Verificou-se uma quantidade exorbitante de palmeiras de coco babaçu e juçara derrubadas prejudicando assim a coleta do coco babaçu e da juçara, respectivamente (SEDIHPOP 2015, p.1).*

As retomadas de terra tem sido importantes para recuperar a gestão autônoma do território e são concebidas como

*Algo fundamental pra libertar a terra e pra gente se sentir livre. É um ato necessário, a gente tirar cerca. Cerca é uma violência que destrói as relações não só entre as pessoas e a floresta, o mato, a água, mas ela destrói as relações entre as pessoas [...]. Estamos reflorestando, plantando... todas as retomadas libertam babaçus. Servem ainda para outras mulheres que não estão nas retomadas, que é uma coisa daqui. Não deixamos ninguém passar fome ou necessidade. Uma hora todos e todas vão entender o que estamos fazendo e nos apoiar. Quando tem coco, tem juçara, a gente tem tudo. Não somos miseráveis assim. Temos o que comer sem precisar ir na cidade, no supermercado comprar comida ruim. Tem roça, cria galinha, tem fruta... estamos consumindo porcaria da cidade porque não temos nosso espaço. Isso está mudando e parece que incomoda muita gente. Temos horta aqui mesmo tomando correria de pistoleiro (Conselho de Lideranças, 2017).*

As lutas por autonomia têm agravado os conflitos e práticas de hostilidade desmedidas contra os Gamella têm sido sistêmicas. O Estado brasileiro e o governo do estado do Maranhão não puderam mais evadir do reconhecimento das violências contra os Akroá-Gamella depois que este povo passa a ter ampla visibilidade no cenário nacional e internacional como vítimas de uma ação genocida planejada por setores do agronegócio durante evento denominado “Movimento pela Paz”, em abril de 2017 (LEAL, Caroline. Akroá-Gamella: territorial struggles and narratives of violence in the Baixada Maranhense. Vibrant, Virtual Braz. Anthr, Brasília, v. 15, n. 3, e153503, 2018). A Funai foi obrigada pela Justiça Federal a instaurar o procedimento administrativo que dá início ao processo de regularização da Terra Indígena cujo processo está parado.

*Por Caroline Farias Leal Mendonça*

## **O USO DE AGROTÓXICO: O ENVENENAMENTO DO CERRADO**

Na lista dos problemas ocasionados pelo agronegócio, o uso de agrotóxico é um dos mais graves. Os povos e comunidades tradicionais vêm denunciando o processo de envenenamento do Cerrado que se intensifica a cada fazenda que se instala na região. Estão preocupados com a consistência e a coloração da água que tem se tornado amarelada ou leitosa. Plantações de abacate, laranja e banana vem morrendo repentinamente. O mesmo vem acontecendo com a floresta nativa de buritizais e coco babaçu. Os roçados estão sendo destruídos por pragas tais como a mosca branca, cascudo, lagartas, pulgões, percevejos e gafanhotos, que apareceram ou aumentaram após a instalação das monoculturas.



"Projeto" do agronegócio



"Projetos" do agronegócio no Cerrado piauiense

*Tudo que tinha na serra eles acabaram com o correntão, acabaram todas as caças. O veneno, eles estão colocando. Nós temos a lagoa aqui, vem a grotá lá da Fazenda São João e desce ali dentro. As águas descem envenenada, a água desse riacho aqui é podre, está matando até as piabas (Joaquim, Pirajá, Currais).*

*Poluindo essas águas. Muito veneno. O rio Preto andou quase secando, os cabras jogando areia para dentro. Nossas abelhas acabaram, o avião joga o veneno. As caça nós não temos mais. A gente vivia muito da caça. (James, Barra do Correntim, Bom Jesus).*

*Apaca, também ninguém ver o rasto de uma paca mais por causa dos projetos, porque eles passam o correntão e matam tudo. Eles matam o veado, matam a paca, matam a cutia, o tatu, eles matam tudo o que tem pelo meio. O correntão é uma corrente que eles colocam de um trator para outro. Eles puxam para derribar a mata. O que tiver entre um e outro daquele trecho de chão que eles estão derribando, ali eles soterram tudo, matam mesmo. O correntão passa por cima e mata. O veneno também. Eles jogam o veneno, a caça vai e come algum trem que tem morto, algum pé de capim, alguma coisa e adocece. Estou acostumada a ver veado morto. Eu acho que é do veneno que eles comem ou da água que eles bebem. Hoje em dia até a caça para gente caçar nas nossas baixada está intoxicada de veneno. Porque sobe a serra, come uma soja, come um milho, come alguma coisa lá da serra cheio de veneno (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).*

Há relatos de pessoas que são banhadas de veneno quando estão passando pelas estradas próximas das fazendas no momento em que os defensivos agrícolas estão sendo despejados por aviões nas plantações. Nestes casos a pessoa tornou-se inválida devido aos problemas neurológicos que se manifestaram desde então. Os indígenas alertam que o vento espalha o agrotóxico pelos baixões, onde moram as pessoas e estão localizadas as roças e a criação de animais de pequeno porte. Algumas doenças apareceram com grande recorrência tais como alergia, coriza, diarreia, câncer, paralisia, tremedeira e dor de cabeça.

Em relação às doenças, vale mencionar duas pesquisas realizadas no Piauí. A primeira foi efetivada pela doutora Tatiana Vieira Souza Chaves, entre os agricultores dos municípios de Baixa Grande do Ribeiro, Ribeiro Gonçalves e Uruçuí, com a finalidade de avaliar os efeitos tóxicos e genotóxicos /mutagênicos da exposição ocupacional às misturas de agrotóxicos. Os dados da pesquisa foram analisados na dissertação de mestrado *Avaliação do Impacto do Uso de Agrotóxicos em trabalhadores rurais nos municípios de Uruçuí, Ribeiro Gonçalves e Baixa Grande do Ribeiro*, defendida na Universidade Federal do Ceará. Foi constatado que os trabalhadores rurais dos três municípios apresentam riscos ocupacionais de contaminação com agrotóxicos.

*Constatou-se que alterações enzimáticas foram evidenciadas por testes bioquímicos como também alterações hematológicas (leucopenia). Os parâmetros de genotoxicidade e de mutagenicidade foram indicativos de instabilidade genética, que podem sugerir riscos de neoplasias dos trabalhadores quando expostos a agrotóxicos sem o uso completo de EPI's e, na maioria das vezes, fazendo a preparação, diluição, aplicação e uso dos agrotóxicos sem nenhum EPI.*

*Nestes aspectos, a exposição ocupacional possui um papel importante e de extrema preocupação por parte de ações de saúde pública, que minimizem a instabilidade genética, como prevenção para as neoplasias. A exposição repetida do ser humano às misturas químicas variáveis e complexas favorece as mutações e, em consequência, os danos de DNA, sendo este um estágio inicial para a formação do tumor. Os resultados obtidos com as análises de parâmetros hematológicos, bioquímicos e genotóxicos/mutagênicos apontam para a necessidade do permanente biomonitoramento de populações do Piauí expostas aos agrotóxicos. Apesar dos resultados dos testes utilizados sofrerem influência de outros fatores, tanto ocupacionais quanto não ocupacionais, salienta-se a necessidade da implantação do biomonitoramento sobre a saúde dos trabalhadores a fim de prevenir o aparecimento de neoplasias futuras decorrentes do uso/mau uso dos agrotóxicos (Tatiana Vieira Souza Chaves, Relatório).*

A segunda pesquisa foi desenvolvida por Inácio Pereira Lima, que estudou a contaminação de leite materno pelo agrotóxico glifosato em puérperas atendidas nas maternidades públicas do Piauí. O estudo foi realizado em Uruçuí e Oeiras. A primeira cidade é considerada uma área de alto consumo de agrotóxico, pois é a maior produtora de soja no Cerrado Piauiense e a segunda é um local de baixo consumo devido à ausência de monoculturas. A investigação resultou na produção da dissertação “Avaliação da contaminação do leite materno pelo agrotóxico glifosato em puérperas atendidas em maternidades públicas do Piauí”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher, do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal do Piauí. O pesquisador constatou a contaminação em 83,4% das amostras.



Devastação do Cerrado ocasionada pelo agronegócio

*A contaminação do leite materno na região agrícola e, surpreendentemente, em região não agrícola, que foi a região de Oeiras, foi a maior surpresa. E a relação direta entre do trinômio área agrícola, consumo de agrotóxico e contaminação do leite materno foi outra conclusão desse estudo. Na região de Uruçuí, na maternidade onde foi pesquisada, foram contemplada as mulheres residentes na zona urbana. O estudo não conseguiu chegar até as mulheres do campo.*

*Imagina se tivesse conseguido alcançar a mulheres do campo. Os agrotóxicos têm três formas de chegar ao organismo humano: de forma oral pelos alimentos e a água que se ingere; pela pele, de forma dérmica e pelo ar. Os ventos trazem ou levam agrotóxico. Ficou o grande questionamento: Como é que Oeiras sem ser uma região característica apresentou a metade das mulheres com a presença desse agrotóxico? Isso suscita outros estudos. Tem muitas indagações, muitas possibilidades de estudos que possam avançar para tentar explicar esse fenômeno. O modelo econômico só visa o lucro. Para a população, os seres vivos, animais e vegetais, as consequências são bem mais abrangentes (Inácio Pereira Lima, mestre em Saúde da Mulher – UFPI, 26/10/2019).*

## **OS INDÍGENAS DO SANGUE: OS GUEGUÊ REMANESCENTES DE UM MASSACRE E AGORA AMEAÇADOS PELO AGRONEGÓCIO**

Os indígenas do Sangue estão localizados no município de Uruçuí, especificamente na zona rural, no povoado Sangue. A saberem da realização da cartografia social dos Gamelas, manifestaram o interesse de participar da atividade como uma forma de buscar ajuda e dar visibilidade ao conflito que estão vivenciando. Eles consideram que a história de expropriação territorial dos indígenas no Cerrado piauiense é uma só e asseguram que no presente todos estão ameaçados pelo agronegócio, desta forma a luta pela sobrevivência e o enfrentamento dos adversários atuais deve ser feita em parceria.

Os pesquisadores do PNCSA/UFPI ficaram sabendo desta coletividade através do historiador João Paulo Peixoto Costa, que mediou a participação de Deusenir e Raimundo na Oficina de Produção do Mapa e Boletim dos Gamela. De acordo com o docente, ao ministrar aula de história no Instituto Federal do Piauí (IFPI), em Uruçuí, escutou uma aluna afirmar que seu avô era indígena. A fala proferida despertou o interesse do professor, que organizou um grupo de pesquisa com três alunos e fez o mapeamento das pessoas da família e o registro das histórias sobre o pertencimento indígena.

Durante a oficina, os dois irmãos relataram a história do núcleo familiar que fazem parte. Disseram que são descendentes de um grupo de indígenas que ancestralmente tem habitado a região de Uruçuí, os Gueguê. Ocupavam este espaço, nas margens do riacho Frio, até o dia em que alguns brancos chegaram e mataram quase todos. Os indígenas atravessavam o riacho, tentando fugir do ataque do opositor, mas foram atingidos e morreram nesta travessia, deixando o rio com a cor vermelha devido ao sangue derramado. Desde então, Sangue tornou-se a denominação do riacho, do povoado e dos indígenas. Desse massacre sobreviveu uma jovem, que deu origem a geração atual. Embora o episódio seja conhecido por todos na cidade, os adversários atuais negam a indianidade do núcleo familiar com a alegação de que são apenas descendentes.



Senhor Raimundo e Deusenir contando a história dos indígenas do Sangue

Após o massacre, a posteridade da sobrevivente continuou morando próximos ao riacho, até que, por volta de 1970, alguns foram expulsos por uma família que detém grande poder político e econômico na região e no estado do Piauí. Afirmam que esta família loteou a cidade de Uruçuí e todo o seu entorno e doaram ou negociaram as parcelas de terra com os seus “protegidos”. Nesta ocasião, a família de Deusenir e Raimundo ficou confinada em um pedaço insuficiente para a realização das atividades produtivas tais como agricultura e criação de animais.

Com a chegada do agronegócio muitas famílias foram obrigadas a vender suas terras, pressionados pela conjuntura que se instalou. A cidade tornou-se o coração da agricultura empresarial no Piauí, sendo bastante propagada a notícia de que no período da colheita, o referido município, juntamente com Sebastião Leal, atinge a maior renda per capita do país. Muitos desconsideram que o festejado desenvolvimento e o suposto enriquecimento trazem consigo intensa desigualdade social e concentração de renda.

Os indígenas fazem severas críticas às transformações ocasionadas pelos “projeteiros” que chegaram na cidade oriundos do Rio Grande do Sul e Paraná e afirmam que mais uma vez estão ameaçados de perder o que restou de seu território. Os grupos econômicos que chegaram tomam as suas terras, exploram a mão de obra e estabelecem relações trabalhistas que violam a legislação brasileira. Eles denunciam, inclusive, a prática de trabalho escravo em algumas fazendas, pois há ocorrências de pessoas que trabalham e não recebem remuneração. Nestes casos, por vezes, é utilizada a violência física para impedir que sejam feitas reclamações ou denúncias.



Seu Raimundo apreciando o Boletim Povos do Cerrado produzido pelo PNCSA

Os indígenas do Sangue acreditam que os grupos empresariais detêm poder econômico e contam com a conivência do poder político, o que favorece a ocorrência de práticas criminosas. Relatam, por exemplo, que uma família foi expulsa da terra e quando decidiu retornar, constatou que tinham botado veneno em toda a sua casa e colocado estacas para impedir o acesso ao espaço. Devido às ameaças que sofrem, afirmam que muitos parentes tem medo de assumir publicamente a identidade indígena. A lembrança do massacre e outros episódios de violência contados pelos antepassados ou vivenciados por eles mesmos geram o receio de que mais uma vez haja uma tentativa de extermínio dos indígenas. Motivados pela consciência de que eles são os legítimos donos das terras que estão sendo invadidas pelo agronegócio, resolveram apelar pela justiça e denunciaram a situação na Vara Agrária de Bom Jesus. O processo em andamento está sendo acompanhado com muita apreensão, pois estão lutando contra gente que tem muita influência na esfera estatal.

Ultimamente, eles têm refletido sobre a legislação indigenista brasileira, que reconhece o direito a terra dos indígenas. Após os diálogos estabelecidos com os Gamela e os Akroá-Gamella durante a oficina de cartografia social, os indígenas do Sangue resolveram solicitar o atendimento da FUNAI e a demarcação da Terra Indígena. Contudo, eles acreditam que esta decisão representará o acirramento do conflito atual, pois os fazendeiros ao se sentirem ameaçados em seus interesses, podem adotar ações que colocarão em risco a vida de toda a família.



Dona Deusenir participando do minicurso Noções de Cartografia e Uso do GPS oferecido pelo PNCSA

*Eu nasci no lugar Sangue, em Uruçuí. Lá nessa região é da minha família. Foi lá que mataram a família da minha avó. Teve um massacre indígena para ficarem com as terras. Ficou esse pessoal lá e vem vindo, nós estamos na quita geração. O nome da minha bisavó era Maria Simplícia, ela criou a Filomena, filha única dela, que criou oito filhos. Ficou viúva e casou com uma pessoa da região. Ela era indígena. Chegou uma pessoa e pediu para criar gado e ele (avô) deixou e a partir daí se apossou de tudo. Tomaram tudo e venderam tudo, até que hoje lá a gente está na justiça por um pouquinho dessa terra na Vara Agrária de Bom Jesus, mas nunca conseguimos nada. Já teve*

*audiência. O advogado me disse que vieram aqui no INTERPI e o INTERPI achou por bem deserdar muita gente da sua localidade e dizer que está vendendo as terras. Essas terras não podem ser vendidas pelo INTERPI, porque são de uma data tramitada e julgada. Na data Sangue está dizendo quem são os herdeiros das terras, que é a minha avó. Mas isso nunca foi respeitado por nenhuma autoridade do Piauí. Eu acho que o INTERPI está do lado deles (fazendeiros) devido a conhecimento e dinheiro, é dinheiro. No INTERPI disseram que podiam nos vender, mas como eu vou comprar o que não é do Estado, o que é nosso por direito. É da minha família por direito. Desde quando existiu gente no Piauí, a minha família é uma das mais antigas, que é dos índios Gueguê, que ficou uma pessoa viva que é a minha tataravó. Lá tem o cemitério, tem o lugar da aldeia, o lugar do massacre, tem tudo. Se você chegar lá e perguntar quem é a Filomena, vão dizer que ela é do pessoal indígena que foi massacrado, foi mais de quatrocentas pessoas massacradas para criar gado (Deusenir, povoado Sangue, Uruçuí).*



Senhor Luís (Pirajá) e James (Barra do Correntim)

## SONHOS E REIVINDICAÇÕES DAS COMUNIDADES

Para finalizar o boletim, é válido destacar que mesmo diante de toda a situação de expropriação que as comunidades têm vivenciado, elas continuam firmes na disposição de se opor às investidas dos fazendeiros e grileiros. Segundo eles, a única forma de permanecer no território é enfrentar as adversidades. Alimentam o sonho poder de viver em paz no território ocupado ancestralmente.

*O que eu penso e o que eu sonho é com o nosso território, para dizer assim, isso aqui é nosso, esse pessoal todo dar força para nós, para ajudar nós ter o nosso território em mão, para nós pisar e dizer assim: - Aqui somos, é nós. Isso é que nós espera desse encontro, eu e os outros que estão em conflito, cada um ter seu território demarcado (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).*

Além do sonho da terra regularizada, os Gamela também almejam melhores condições de vida. Para que isso aconteça, pedem que o Estado regularize o território e garanta minimamente a sobrevivência.



Reunião na comunidade Vão do Vico, Santa Filomena



Indígenas Gamela e Akroá-Gamella, pesquisadora do PNCSA e Benoni Moreira (DPU)



Reunião na comunidade Vão do Vico, Santa Filomena

*E hoje nós estamos pela comunidade, mas nós não temos energia, não temos estrada que preste. O político mostra a grande cara aqui, cara sem vergonha, porque ele não tem vergonha, oferecendo tudo e dizendo que vai trazer aqui Jesus, para ver se nós votamos neles. Nós votando e eles escondendo. Uma comunidade dessa aqui era pra nós ter energia, a energia tá bem aqui nas Melancia, aqui na Formosa. Aqui é o centro, é o centro e não tem energia. Foi uma grande briga porque aqui era de Bom Jesus, Currais tomou de conta uns tempos, mas não podia fazer nada, foi do município só dos Brejo pra lá. Aqui não foi município e aí o prefeito não queria assumir que fosse dele. Com muita briga, botamos na justiça, tomaram de conta, mas não gostando. Até que aqui ainda tem gente que são concursado, mas é de Currais, não é de Bom Jesus. Nós temos aqui uma professora e a diretora do colégio, excelente pessoa, ela veio para cá faz muitos e muitos anos. E continua o sofrimento, qualidade não tem. Aqui já tem muita criança que não tem estudo e é obrigado a sofrer lá nas COHAB de Bom Jesus, pra poder ver se aprende alguma coisa, porque aqui não tem (James, Barra do Corretim, Bom Jesus).*

Ao apresentar o mapa da comunidade durante a oficina, os moradores falam com alegria dos potenciais de cada localidade, porém ao mesmo tempo demonstram insatisfação, pois mesmo que haja uma boa produção com a possibilidade de venda do excedente, isso não acontece devido à falta de acesso ao mercado ou a falta de incentivo por parte das autoridades municipais.

*Aqui é uma área comunitária, é onde nós plantamos feijão, plantamos milho. Aqui é a saída para a Prata. Aqui eu quero dizer pra vocês que a gente sofre muito. Por que a gente sofre muito? A gente luta, mas não chega a um objetivo. Porque nós somos fraco de condição, não tem como botar um advogado. (...) Nós não temos uma internet, nós não temos energia, nós não temos um sinal de wi-fi, nós não temos nada aqui que não seja nós lutando, as pessoas lutando, correndo atrás da melhoria. Nós lutamos pela comunidade Barra do Correntim. E somos excluídos porquê? Não temos para onde correr. Se nós chamamos um advogado ele só vem aqui receber o depoimento, chega lá e parou. Eu tenho 35 anos, vivo nessa comunidade porquê? Eu tenho três filhos na escola, não me formei, só fiz o quinto ano, mas eu não quero ver meus filho fazendo só isso, eu quero ir além, mas do jeito que está não está bom. Porque? Nós não temos energia, fechamos a porta para não ouvir o barulho do motor. Esse motor é o que salva nós com a água, não pode descartar ele. Essa é a energia que serve nós aqui. Mas se tivesse energia ligada aqui, nós não iam precisar do motor. Nós tem aqui um orelhão, nós passa mês sem uma ligação, sem um socorro. Se nós não for pedir um sinal de wi-fi em cima da serra para mandar mensagem, aqui morre, como já morreu gente por falta de socorro que não tem. Aqui nós não temos um posto de saúde, já morreu gente por falta de um atendimento. Nós queremos dizer que nós não temos nada. Porque tudo que tem está destruído (Grosso Gamela, Barra do Correntim)*

Essa mesma situação desenhada pelos moradores de Barra do Correntim, também é vivenciada pelos indígenas das outras comunidades. Nestas não há escola e posto saúde, ou seja, não há condições mínimas para uma vida digna.



Trabalho de grupo - produção de mapa da comunidade

*Não tem escola, não tem internet, não tem posto de saúde. Lá pra consultar na Santa Filomena é maior dificuldade. Que a gente tem que sair quatro horas da manhã para conseguir uma ficha e é mal atendido. Um dia mesmo eu estava passando mal com umas manchas e minha pressão desregulada. Fui fazer um exame do coração, um tal de elétrico do coração. Cheguei lá no posto, o menino que faz o exame, quando eu cheguei, num tinha ninguém. A enfermeira foi lá e chamou: – Fulano tem uma menina que veio fazer aqui o exame. – Diz a ela que espere. Eu sentei em frente dele e ele no corredor contando história de vaquejada, de quando ele tinha doze anos de idade, contando história de pernas cruzadas. Tombava para um lado, tombava para outro e eu de olho. Aquilo ali chega me agitou, que eu bati o pé para ir me embora. Ele veio de lá. - Eu estou com meu corpo doído, não poderia atender hoje. Quem é que tem aqui? Não tem ninguém. Porque você não vai me atender hoje? Por que eu moro no interior. É rapidinho eu vou fazer. Fez esse trem lá e não deu nada. Fui mal atendida, eu não gostei do menino que está lá (Zumira, Vão do Vico, Santa Filomena).*



Equipe de produção de legendas para o mapa dos Gamela



Equipe de coleta de pontos de GPS na comunidade Pirajá, Currais



Participantes do minicurso Noções de Cartografia e Uso de GPS



Salvador e esposa, comunidade Prata



Apresentação dos participantes da oficina



Financiamento:



Climate and  
Land Use Alliance

Realização:

**PNCSA**  
Projeto Nova Cartografia  
Social da Amazônia

Laboratório do  
**PNCSA**



Apoio:

